

A BUSCA PELO ESPIRITUAL E DESAPEGO MUNDANO: INFLUÊNCIAS DA FILOSOFIA ZEN BUDISTA NA CERIMÔNIA DO CHÁ

THE SEARCH FOR THE SPIRITUAL AND WORLDLY DETACHMENT: INFLUENCES OF THE ZEN BUDDHIST PHILOSOPHY IN THE TEA CEREMONY

Narumi Ito¹
Neide Hissae Nagae²

Resumo: Este artigo tem o intuito de trazer reflexões acerca da influência do zen budismo na cerimônia do chá japonesa. Para tanto, escolhemos um dentre outros preceitos do zen - a busca pelo espiritual em contraposição ao mundano - que se relaciona com a arte do chá. O trabalho foi dividido em três tópicos principais: 1) a filosofia zen budista; 2) o zen e o chá e 3) *chanoyu*: a busca pelo espiritual e o desapego mundano. Nesse sentido, compreendemos que esta arte secular japonesa possui uma longa trajetória que remonta ao hábito de se beber chá nos templos budistas da China e que, no Japão, ela teceu o seu caminho em intrínseca relação com a filosofia zen.

Palavra-chave: Cultura japonesa; Zen budismo; Cerimônia do chá.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Graduada no curso de Licenciatura Plena em Letras - Inglês, pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3621-7792>. E-mail para contato: narumiito@usp.br

2 Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, docente e pesquisadora do Curso de Graduação em Língua e Literatura Japonesa e do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais – FFLCH/USP. Desenvolve trabalhos nas áreas de Língua e Literatura Japonesa Clássica e Moderna, tradução e pensamento japonês. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6877-1261>. E-mail para contato: neidenagae@usp.br

Abstract: This article aims to bring reflections about the influence of Zen Buddhism on the Japanese tea ceremony. To this end, we chose one among other Zen precepts - the search for the spiritual as opposed to the mundane - which is related to the art of tea. The work was divided into three main topics: 1) Zen Buddhist philosophy; 2) zen and tea and 3) chanoyu: the search for the spiritual and worldly detachment. In this sense, we understand that this secular Japanese art has a long history that goes back to the habit of drinking tea in Buddhist temples in China and that, in Japan, it weaved its way in intrinsic relationship with Zen philosophy.

Keyword: Japanese culture; Zen Buddhism; Tea ceremony.

1. INTRODUÇÃO

A cerimônia do chá japonesa ou simplesmente *chanoyu* (茶の湯) teve sua origem e história marcada por sua relação com a filosofia zen. Desde o início, quando o mestre Sen no Rikyū³ (1522-1591) formalizou o ritual, ele também inaugurou um vínculo permanente entre o chá e o zen. Diversos princípios que fazem parte do cerimonial derivam dessa filosofia, a influência do zen se materializa, entre outros aspectos, na idealização da *chashitsu* (casa de chá), na composição dos utensílios e no evento como um todo, já que a *chanoyu* não é apenas um encontro para entreter os praticantes, mas também envolve um momento espiritual, compartilhado entre os convidados e o anfitrião.

Ao pesquisarmos “zen budismo” no Google, YouTube ou outras redes sociais, sem dúvida encontraremos diversos sites, canais e perfis que tratam do assunto. Há muitos conteúdos novos que são divulgados a todo instante. Na modernidade, “zen” pode até ser usado como um tipo de adjetivo, que qualifica uma pessoa por ser calma, tranquila e que se encontra em paz de espírito. Em primeiro de janeiro de 2021, a Netflix lançou um documentário chamado *Headspace – meditação guiada* criado por Andy Puddicombe, um antigo monge budista. A série propõe técnicas e sessões guiadas para qualquer pessoa começar a praticar meditação, o fato de um conteúdo como esse ter sido lançado em uma plataforma global, nos faz pressupor que esse é um tema atraente e que pode interessar um público amplo.

Temos a impressão de que a meditação é um assunto contemporâneo pelos inúmeros livros, filmes, séries e vídeos que abordam o tema. Apesar de não se saber ao certo sobre a origem da meditação, ela era praticada desde os primórdios da história humana por diversos povos e ficou conhecida por um nome diferente em cada região. Mas foi principalmente com a noção de zen-budismo que a meditação ganhou espaço em todo o mundo. O zen é uma das vertentes do budismo

3 Rikyū é uma figura histórica determinante para a composição da *chanoyu*, ele se destacou pela tradição do *wabi-cha*. Também foi pioneiro em moldar valores da cerimônia do chá, como a simplicidade, franqueza e honestidade. Até a modernidade, seus descendentes continuam disseminando a cultura do *chadō* (OKAKURA, 2008).

mahayana⁴, que se originou na China, e tem como foco principal a meditação (HAN, 2020). O grande inspirador foi Siddhartha Gautama (primeiro Buddhá ou iluminado). A humanidade possui séculos de conhecimento sobre a meditação e, ainda continua sendo uma prática que desperta o interesse de muitas pessoas.

A palavra *zen* tem origem no sânscrito *dhyāna* (ou do vulgar *jhāna*) à qual os chineses atribuíram o ideograma 禪. Essa forma de meditação em que o praticante se senta na postura de lótus com os olhos cerrados, foi sistematizada na China como forma de concentração dos discípulos de Sakyamuni. Vale ressaltar que o Budismo surgiu entre os séculos VI e IV a.C, enquanto o zen budismo nasceu na China aproximadamente no século V d.C. O aparecimento do zen divide opiniões, porém, muitas vezes é remetido ao monge budista indiano Damo (Bodhidharma) (FRANCO, 2012).

O chá verde, por sua vez, foi introduzido no Japão por volta do século XII pelos monges zen budistas que aderiram ao costume de beber chá com o objetivo de ficarem acordados nas meditações noturnas. Aos poucos, o chá se tornou uma bebida comum e alcançou toda a população japonesa (RAFACHO, 2007). A relação do chá com o zen budismo iniciou por volta do século XV e atualmente é reconhecida como arte tradicional japonesa. O chá verde em pó ou moído *matcha* (抹茶) por exemplo, extraído da planta *camellia sinensis*, possui suas particularidades em relação ao chá branco e preto, devido ao seu processo de maturação e fermentação.

Na modernidade, o *matcha* é um tipo de erva muito usado nas cerimônias, além disso, pode ser consumido através de doces e sobremesas, o seu uso não se restringe a produzir a bebida. Pode ser encontrado sorvetes ou balas de chá verde, o *matcha* ganhou espaço como uma especiaria que colore e dá sabor para alimentos típicos japoneses, como o *mochi* (bolinho de arroz glutinoso) e o *soba* (macarrão oriental). Esses produtos que adotaram o *matcha* como um ingrediente também são muito consumidos no Brasil e em diversos países fora do Japão.

2. A FILOSOFIA ZEN BUDISTA

O Budismo, que foi fonte para a criação do zen budismo, desenvolveu-se na Índia e pode ser compreendido como uma das maiores escolas de espiritualidade do universo oriental. A filosofia tem como lema libertar o ser humano do sofrimento por meio do autoconhecimento (GONÇALVES, 1988). A prática usada para se obter o autoconhecimento é a própria meditação, ela pode ser realizada de várias maneiras, sozinho ou acompanhado, em qualquer lugar em que a pessoa se sinta confortável. A yoga, por exemplo, é uma atividade de origem indiana e o seu conceito está ligado à meditação. Na prática, a yoga mistura posturas de alongamento com técnicas de respiração e concentração, desse modo, torna-se um exercício voltado tanto para o corpo, quanto para a mente.

4 Mahā significa “grande”, yāna significa “veículo”. Literalmente traduzido do sânscrito como “grande veículo”, a doutrina de Buda remete a um meio para se alcançar a iluminação (HAN, 2020).

A forma de meditação compreendida atualmente como *zen* era um treinamento que consistia na concentração do espírito e da mente, *seishin* (精神) em um único foco conhecido como *samādhi* (三昧) para então se entrar no chamado estado de *dhyāna* (禪定). Os discípulos de Sakyamuni deveriam estar preparados para entrar a qualquer momento nesse estado, e também de sair dele ao menor estímulo exterior, para então, retornar imediatamente a ele. Diríamos que, nesse sentido, consiste em manter um estado de espírito sereno e alerta, muito semelhante a um despojar-se dos ares humanos para entrar em união com a natureza, o que no budismo é chamado de *sānti*, (寂) ou *sūnya* (空), sendo este último o equivalente ao zero na matemática indiana. Ou seja, ambos, 寂e空, remetem ao ato de morrer, a inexistência, o ato de negação, o vazio que cobre a terra, e também a fonte inesgotável de onde surgem infinidade de seres e que estaria presente na cerimônia do chá e no caminho da flor do Japão enquanto algo oculto e silencioso a habitar o interior dos japoneses. É o mesmo princípio do ato de se unir as palmas das mãos para entoar o sutra *shikisokuzekū* (色即是空) “todas as coisas são um vazio”, para atingir esse estado. Assim é o uso que os japoneses fazem do lóbulo esquerdo do cérebro, relacionado ao *pathos* fazendo com que seja possível ser racional e ao mesmo tempo sentimental, e conseguir entrar facilmente em sintonia com à natureza para ouvir uma música, o som dos insetos ou dos pássaros, ou ainda, sentir as emoções (KINO, 1987).

Os budistas acreditam que todas as pessoas possuem “quatro marcas”: impermanência (nada dura para sempre); sofrimento (todos estão sujeitos à doença, envelhecimento e morte); não-eu (não há substância que corresponda ao “eu”, a verdadeira identidade está além de tudo que podemos imaginar); e nirvana (o estado de neutralidade alcançado ao ser libertado das prisões da existência, ou *samsara*, o olho da vida e da morte) (YUSA, 2002). Esses princípios podem nos ajudar a compreender e aceitar as vicissitudes, e assim o sofrimento e as dores passam a fazer parte importante das experiências que enfrentamos durante a vida. De acordo com o mestre zen Daisetsu T. Suzuki (1870-1966) em sua obra *Zen and Japanese Culture* (1938):

Resumidamente, o Zen é um dos produtos chineses que após seu contato com o pensamento indiano, foi introduzido na China no primeiro século d.C. por meio dos ensinamentos budistas. Havia alguns aspectos do budismo em seu modo de viver que chegaram na China, e o povo do Reino do Meio não apreciava muito: por exemplo, a defesa de uma vida desapegada, seu transcendentalismo ou tendência de negar a vida, e assim por diante. Ao mesmo tempo, sua filosofia profunda, sua dialética sutil e análises e especulações penetrantes agitaram os pensadores chineses, especialmente os taoístas (SUZUKI, 1973, p. 26, tradução nossa).

O desapego pelo mundano é um dos preceitos que pode ter assustado o povo chinês, causando certo estranhamento no momento de encontro entre o zen e a China. Mesmo assim, com o tempo, o pensamento zen atingiu em cheio o gosto dos filósofos

chineses. Possivelmente, por ter raízes na China, o zen foi inspirado pelo Taoísmo e o Confucionismo. Um exemplo dessa relação entre as três filosofias é o templo chinês suspenso na montanha de Hengshan que foi construído há mais de 1.500 anos para homenagear as três escolas (FRANCO, 2012).

Figura 1 - Mosteiro Xuankong



Fonte: revista Casa e Jardim

Conforme as palavras de Kakuzō Okakura⁵ (1863-1913) no ensaio “O Taoísmo⁶ e o Zen” contido na obra *O livro do chá*⁷ (1906): “uma contribuição especial do zen

- 5 Conhecido também como Tenshin Okakura, importante figura japonesa do período Meiji (1868-1912). Em 1890 ajudou a fundar a Academia Japonesa de Belas Artes, o Instituto Japonês de Belas Artes e, em 1904, colaborou com o Museu de Belas Artes de Boston. Sua obra mais famosa é *O Livro do Chá* (1906) (VALDRIGUE, 2016).
- 6 Doutrina mística e filosófica desenvolvida no VI a.C. por Lao Tsé e disseminada por seus seguidores, enfatiza a vida em harmonia com o Tao. O termo chinês “Tao” significa “caminho”, “via” ou “princípio”, também pode ser encontrado em outras filosofias e religiões chinesas.
- 7 Escrito em inglês com a intenção de divulgar a estética japonesa do chá para o mundo ocidental, assim como outros escritos em inglês como o *Bushidō* (1899), de Inazō Nitobe (1862-1933). Sob influência de Ernest Fenollosa (1853-1908), que tinha profundo interesse pelas artes tradicionais japonesas, Okakura despertou seu interesse pelo mesmo tema e por isso, dedicou-se em seus livros em valorizar e divulgar a arte japonesa.

para o pensamento ocidental foi o reconhecimento de que o mundano tem a mesma importância do espiritual. Na monumental relação das coisas, não existia distinção entre o pequeno e o grande” (OKAKURA, 2008, p. 64). Okakura (2008) ressalta nesse sentido que, nos mosteiros zen budistas, era comum que os noviços fossem encarregados das atividades mais leves. Enquanto os monges mais experientes e respeitados faziam as tarefas mais pesadas e cansativas. Isso pode até parecer contraditório para a cultura ocidental, onde acontece sempre o inverso.

Todas as tarefas, por mais simples que fossem, deveriam ser realizadas com perfeição. Isso demonstra a igualdade e o respeito pelas pessoas, independentemente de qualquer categorização. Reconhecer que o mundano tem a mesma importância do que o espiritual, talvez contribua para que as pessoas busquem estar mais perto do plano espiritual e deixem de se preocupar com o mundo material. Tendo em vista que vivemos em um cenário predominantemente capitalista, individualista e consumista, nos faz pensar que não tratamos com a mesma importância o mundano e o espiritual.

O chá tem essa dupla faceta. Lembrando da expressão japonesa sobre as “coisas cotidianas como o chá e a comida”, *nichijōsahanji* (日常茶飯事), o hábito de se beber chá, que teria começado por volta do início do século IX e assim permaneceu até deixar de se tornar algo corriqueiro para se transformar no que conhecemos como a cerimônia do chá, *chanoyu*, antes passando por formalizações conhecidas como *sarei* (茶礼) com as regras importadas da China por volta do século XIV para criar uma estética com o que era um hábito cotidiano. Algo que também aconteceu com a ornamentação dos ambientes internos com as flores, pela intenção de imprimir-lhes maior beleza, seguindo algumas formas composicionais, para não se limitar a encurtar a vida da flor em seu *habitat*. Essa seria a razão pela qual a *ikebana* e a *cerimônia do chá* são consideradas as artes do cotidiano (MURAI, 1987).

3. O ZEN E O CHÁ

O elo entre o zen e o chá se constituiu desde os primeiros costumes de se bebê-lo e continuou influenciando todas as transformações que resultou no que conhecemos hoje como cerimônia do chá. Costa & Tinoco (2017) ensinam que o chá chegou no Japão por intermédio do monge zen-budista Eihei Dōgen (1200-1253). O mestre levou da China para o Japão todas as experiências com o chá e as práticas zen budistas que tinha vivenciado, inclusive acompanhado de diversas regras e ritos para apreciar o chá (COSTA & TINOCO, 2017). Segundo Shodo Takatori (2003):

Na China durante o período Tang, o mestre Chan (Zen) Zhaozou (778-897) criou um *koan* ou enigma sobre os Três Drinques de Chá. E desde então, a relação entre o Budismo Zen e o chá tem sido profunda. Budistas - especialmente sacerdotes Zen - tiveram papéis importantes na introdução do costume de se beber chá no Japão: Saichō (767-822), Kūkai (774-835), Eisai (1141-1215) e Bennen (1202-1280). O costume de beber chá foi organizado na cerimônia do chá pelo monge Zen Ikkyū (1394-1481) e por Murata Jūkō (1422-1502),

um discípulo de Ikkyū, que se certificou que havia atingido a iluminação. Murata disse que, desde que a cerimônia do chá nasceu do Budismo Zen, os seus estudantes devem se basear na etiqueta Zen. Também disse que a cerimônia do chá incorpora o Budismo e que estudar a cerimônia do chá é uma maneira de assimilar o Budismo (TAKATORI, 2003, s/n).

Na contemporaneidade, estudar a cerimônia do chá requer pesquisas sobre o zen budismo e vice versa. Diversos mestres zen ajudaram na divulgação da *chanoyu*, inclusive, a maioria dos mestres de chá também eram praticantes do zen. Conforme Daisetsu T. Suzuki (1973): “a cerimônia do chá foi uma forma de entreter os visitantes do mosteiro ou, às vezes, uma forma de entreter seus próprios ocupantes entre eles” (SUZUKI, 1973, p. 356, tradução nossa). Até os dias atuais podemos entender a *chanoyu* como um tipo de entretenimento, levando em consideração que se trata de uma prática que envolve questões artística. Para Haruko Nakanishi (2003), sobre as raízes da cerimônia do chá:

Seu significado é moldado historicamente. O ponto de partida para o chá é a China, e foi Dōgen quem trouxe o estilo ao Japão. (...) Fica claro na história que a cerimônia do chá foi estabelecida, não apenas como um entretenimento. (...) A propósito, a cerimônia do chá tem o mesmo aspecto fundamental da religião, especialmente o ensino zen, que cultiva entender as coisas com o coração e enfatiza a etiqueta (NAKANISHI, 2003, p. 287, tradução nossa)⁸.

O autor traz uma discussão em torno da origem do chá e sua importação para o Japão através do monge zen budista Dōgen. A cerimônia do chá foi desenvolvida não somente com fins de entretenimento, mas também por questões religiosas e filosóficas. Seu percurso histórico retrata que seu consumo foi possível por meio de monges e filósofos, como Dōgen e Rikyū, e não há dúvidas que eles contribuíram com valores pessoais, influenciando a cerimônia do chá e o modo como ela é praticada até a contemporaneidade.

A cerimônia do chá alcançou a sua estrutura definitiva através do mestre Sen no Rikyū no período Momoyama (séc. XVI). O mestre de chá desenvolveu um modelo particular de *chashitsu* (ou cabana de chá) e de seu jardim. Toda a arquitetura foi planejada com a contribuição da filosofia zen, o que resultou no que conhecemos como *chadō* (caminho do chá) (HIROSE, 2010). Rikyū teve enorme importância para a estrutura da cabana de chá e do jardim tal qual é visto até hoje, além de desenvolver princípios que misturam a cultura zen com a do chá.

⁸ これらの意味は歴史的に形づけられたものである。茶の出発点は中国であり、その様式を日本に持ち帰ったのは道元である。(…) 茶道は単なる娯楽ではないことは、それが成立した経緯からも明白である。(…)ところで茶道には根本に宗教、特に禅の教えと同じ、心の目をやしない、礼法を重視する側面がある。(NAKANISHI, 2003, p. 287).

Para Okakura, em *O Livro do Chá* (1906), o zen e o taoísmo influenciaram a cerimônia do chá e criaram o “cháismo”. Nas palavras do autor: “Todo o ideal do ‘cháismo’ resulta desse conceito zen de grandeza nos menores acontecimentos da vida. O taoísmo forneceu base para os ideais estéticos, e o zen possibilitou sua prática” (OKAKURA, 2008, p. 65). O intelectual japonês nesse ensaio direcionado a falar apenas do taoísmo e do zen e a relação com a cerimônia do chá demonstra que tanto um quanto o outro foram essenciais para a inauguração do “cháismo”, comparado a uma nova religião que abarca o chá, o zen e o taoísmo. Segundo Gusty L. Herrigel (1979) em relação ao local em que se praticava a cerimônia do chá:

A princípio, o ritual da Cerimônia do Chá também era praticado nos mosteiros zen, do mesmo modo que a origem das reuniões em que se queimava o incenso. Portanto, em sua maioria, os antepassados educados nos mosteiros tornaram-se mestres das obras de arte relacionadas com a Cerimônia do Chá, que floresceu a partir dos séculos XIV e XV. Pois, junto com a Cerimônia do Chá (e a introdução do *tokonoma*), eles promoveram o culto das flores em forma adequada e toda especial, tornando-se, ao mesmo tempo, grandes Mestres das Flores. Dedicavam-se também ao projeto de jardins. Os traços e as correspondências entre o interior e o exterior deveriam equilibrar-se, em contraste mútuo, formando um todo que se completava. As amplas portas corrediças que davam para o parque e para o jardim permaneciam abertas durante todo o dia, de modo que quase não havia divisão entre a sala e a paisagem. Assim, o culto dos jardins evoluiu através dos multifacetados talentos desses Mestres. Sua vocação criadora integrou o acervo cultural japonês. Apoiados na séria e severa disciplina da simplicidade e da interiorização do ambiente monástico zen, os salões de chá anexados às casas ou construídos nos jardins dos palácios e em residências particulares eram de estilo monástico. O traçado claro e imponente de suas linhas influenciou toda a arquitetura japonesa no culto da simplicidade (HERRIGEL, 1979, p. 40).

O jardim que geralmente acompanha a *chashitsu* é reconhecido como uma verdadeira obra de arte, que ao mesmo tempo carrega traços da estética japonesa e do zen. Herrigel (1979) acrescenta que os mestres de chá, além de seguirem o zen, também eram excelentes mestres das flores, o que remete a outra arte japonesa: *ikebana*⁹ (arranjos florais). Em todos os encontros que culminam no culto do chá, o ambiente é preparado e decorado conforme as estações do ano, então sempre há uma flor ou uma pintura que faz referência ao clima em que estão passando. Suzuki (1973) acrescenta em relação à conexão entre o zen e o chá:

Muitas vezes pensei na arte do chá em conexão com a vida budista, que parece compartilhar muito das características da arte. O chá mantém a mente fresca e vigilante, mas não intoxica. Tem qualidades que naturalmente devem ser apreciadas por eruditos e monges. Está na natureza das coisas que o chá passou a ser amplamente usado nos mosteiros budistas e que

9 *Ikebana* ou *kadō* refere-se à tradição japonesa de se produzir arranjos florais com o intuito de serem utilizados na decoração de altares, em casas de chá, entre outros. São feitos com flores, folhas, galhos, frutos e plantas secas.

sua primeira introdução ao Japão veio através dos monges. Se o chá simboliza o budismo, não podemos dizer que o vinho representa o cristianismo? (SUZUKI, 1973, p. 356, tradução nossa).

Neste contexto, o autor faz uma comparação entre o vinho e o chá, em relação ao budismo e o cristianismo, como se o chá representasse o budismo tanto quanto o vinho representa o cristianismo. Suzuki foi um autor japonês extremamente importante na divulgação da filosofia zen para o ocidente, neste trecho, podemos notar como ele era capaz de alcançar o entendimento de seus leitores ocidentais. Neste contexto, vale mencionar Okakura, que foi um dos japoneses pioneiros no que se refere a dedicar-se grande parte de sua vida na divulgação da arte e da cultura japonesa, três de seus livros *Ideals of the East* (1903), *The awakening of Japan* (1904) e *The book of tea ou O livro do chá* (1906) foram todos escritos em língua inglesa, o que facilitou o acesso por leitores ocidentais. Dessas três publicações, apenas *O livro do chá* foi traduzido para o português.

4. CHANOYU: A BUSCA PELO ESPIRITUAL E O DESAPEGO TERRESTRE

Através das pesquisas que realizamos sobre a cerimônia do chá japonesa, percebemos uma imensa influência do zen budismo em toda a estrutura que envolve o culto do chá. A palavra japonesa *zen* – do sânscrito *dhyāna* ou *jhāna* – sistematizado na China, já trazia desde o Buda histórico, a postura meditativa de manter-se sentado com as pernas cruzadas e olhos fechados, recebendo o nome de *jō ni hairu*, isto é, acalmar as inquietações e direcionar a mente para um único ponto de concentração, o *zanmai* – do sânscrito *samādhi*, – para, então, chegar ao *zentei* estado de união de si mesmo com o céu e a terra. Neste tópico, propomos aprofundar a questão da valorização pelo espiritual e o desapego mundano presente na *chanoyu* enquanto uma inspiração da filosofia zen. No mundo hodierno, ser desapegado das coisas terrestres e alimentar o espírito talvez seja um dos maiores desafios que o ser humano pode enfrentar. Por outro lado, a expansão de pensamentos como o zen e a arte do chá demonstram que há muitas pessoas interessadas em seguir tais ideais, na procura por uma vida minimalista, em harmonia com a natureza e desprendida de bens materiais.

Na plataforma de streaming Netflix podemos encontrar diversos filmes e documentários que retratam esse estilo de vida: *Minimalism, A documentary about the important things* (2016) e *Minimalismo já* (2021), dirigido por Matt D’Avella, *Expedition Happiness* (2017), dirigido por Selima Taibi, *O vendedor de sonhos* (2016), dirigido por Jayme Monjardim, entre outros. Além dos filmes, é possível encontrar inúmeros livros e conteúdos variados disponíveis na internet relacionados ao tema. Essa demanda de produtos sobre um estilo de vida livre das convenções mundanas, que vai contra os princípios do capitalismo e da modernidade possuem

muitos pontos em comum com o pensamento zen e a cerimônia do chá. Herrigel (1979) contribui sobre como se desenvolve a prática do chá:

Os poucos convidados para a Cerimônia do Chá penetram na sala por sua entrada de pequena altura. Os convidados começam a entrar lentamente, inclinando-se em humilde reverência. Eles já haviam lavado as mãos com cuidado na fonte do jardim, antes de deixar seus sapatos sobre as pedras revestidas de musgo, afastando-se do mundo exterior. Uma paz serena e o brilho da limpeza envolvem essa silenciosa sala interior. Do pequeno bosque de bambu sopra uma brisa suave, que passa sobre o braseiro de carvão, embutido no arco sobre o qual repousa a chaleira. Os convidados escutam o suave murmúrio metálico da água a ferver. Talvez o chá verde e forte esteja sendo batido com uma vareta de bambu para ficar espumoso, ou talvez se esteja preparando o chá preto segundo o cerimonioso ritual (HERRIGEL, 1979, p. 42).

Há diversas características que percorrem a *chanoyu* que nos levam a pensar no desapego pelo mundo material e o apreço pelo espiritual. O ato de lavar as mãos e caminhar por um trajeto guiado por pedras antes de adentrar a *sukiya* remete a um afastamento do mundo exterior. Neste momento, os convidados deixam de lado suas preocupações e seus estresses e focam suas atenções apenas na vivência com o chá. Grande parte da cerimônia acontece em silêncio, trata-se de um momento único, os convivas são guiados por uma atitude contemplativa e afastados do mundo exterior.

O mestre Sen no Rikyū entre outras colaborações, desenvolveu quatro princípios que envolvem a *chanoyu*. *Wa* (和, paz e harmonia), *kei* (敬, respeito e reverência), *sei* (清, pureza material e espiritual) e *jaku* (寂, tranquilidade) (RAFACHO, 2007, p. 53). *Wa*, pode ser entendido como a harmonia entre o anfitrião e os convidados, entre todos e a natureza a sua volta. Além disso, é possível perceber a harmonia na composição dos utensílios, como o *chawan* (tigela de chá), o *chaire* (recipiente do chá), a *chasen* (batedor de chá feito de bambu) e o *chashaku* (colher de chá feita de bambu), revelando que todo o processo que envolve o chá é feito de modo harmonioso e repleto de paz.

Kei se refere ao respeito e a reverência pelo outro, sem distinção de nível social, já que na cerimônia todos são vistos sem nenhuma hierarquia social, desde o anfitrião até os seus convidados. Essa reverência também é vista pela natureza, que geralmente está presente na *chashitsu* através de flores e plantas e no jardim. Outro valor que permeia e *chanoyu* é o *Sei*, e diz respeito não apenas à pureza do ambiente, mas também à purificação do espírito, onde se propõe a pureza do coração e da mente, um momento para desligar-se do mundo e encontrar a iluminação espiritual, ideal que sofreu bastante influência do zen budismo.

O último fundamento elaborado por Rikyū é *Jaku*, uma paz interior consequente da realização dos três primeiros fundamentos. Essa paz interior é essencial, uma vez que o indivíduo que a alcança durante a *chanoyu* torna-se capaz de compartilhá-la com as demais pessoas que não participaram daquele momento. Os quatro valores em sua

totalidade representam a harmonia, pois se tratam da essência da cerimônia do chá e são elementos que permeiam todo o processo.

Os quatro fundamentos de Rikyū tem como objetivo encontrar a plena paz interior, por meio de um caminho árduo, repleto de humildade, renúncia e dedicação. Na busca por iluminação espiritual, o sujeito deve se purificar de corpo e mente, e essa limpeza também pode ser compreendida como um modo de se desapegar das convenções mundanas e cativar a simplicidade de dentro para fora.

Conforme o filósofo japonês Shin'ichi Hisamatsu (1970), há sete ideais que permeiam toda a cerimônia do chá: *fukinsei* (assimetria), *kanso* (simplicidade), *kokō* (minimalismo), *shizen* (naturalidade), *yūgen* (beleza não óbvia, sutil), *datsuzoku* (livre da convenção mundana) e *seijaku* (tranquilidade). Todos estes conceitos fazem parte da estética japonesa, e também podem ser encontrados em outras artes tradicionais nipônicas. Destes princípios, nos chama a atenção *datsuzoku* ou libertação em relação às coisas do mundo.

Datsuzoku – liberdade, livre de convenções mundanas – “Ao deixar o *roji*¹⁰ e entrar na sala de chá, esquece-se o mundo cotidiano. Rejeita o espírito vulgar, elimina todos os pensamentos mundanos e entra em um mundo de pureza” (HISAMATSU, p. 16). O momento da cerimônia do chá deve ser compreendido como um tempo de não pensar em outras questões, além da cerimônia em si. Neste sentido, antes de entrar na *chashitsu*, os convidados devem purificar as mãos e a boca em um lavatório de pedra que fica no jardim, esse ato significa que seus corações e mentes estão sendo purificados. A ideia é que os indivíduos devem continuar puros após a cerimônia e voltar à sociedade com o intuito de ajudar em seu aprimoramento.

Outra característica da cerimônia do chá que deve ser mencionada é o seu jardim, que se tornou comum entre as eras Muromachi (1333-1568) e Azuchi Momoyama (1569-1600). As pedras no chão (*tobiishi*) servem como caminho que guia os convidados de fora para dentro da *sukiya*. Além disso, geralmente são encontradas luminárias de pedra (*ishidōrō*) que iluminam o trajeto. Esses dois símbolos representam bem a busca pelo espiritual e o desapego mundano, já que direcionam os convidados a deixar para trás suas tensões e ansiedades do mundo e se preparar para um encontro com si próprio, um momento de contemplar o silêncio e se auto conhecer. *Wabi-sabi*, um termo estético da cultura japonesa também contribui nesse sentido. Para a especialista em estética japonesa, Michiko Okano (2018), sobre o surgimento do *wabi*:

A estética *wabi-sabi* é geralmente compreendida a partir da perspectiva em voga na Era Muromachi (1333-1573), quando ocorreu o desenvolvimento da cerimônia do chá. No entanto, o surgimento de *wabi* é bem mais antigo, e seu significado original pode ser encontrado na antologia poética *Man'yōshū* (Antologia das dez mil folhas) – compilada na

10 “Terra úmida”, conceito japonês que remete ao jardim que se atravessa para o *chashitsu* (casa de chá) para a realização da cerimônia do chá. Os *roji* geralmente cultivam a ideologia artística do *wabi-sabi*. (KUCK, 1968, p. 60).

Era Nara (710-794) – em forma de “*wabu*” ou “*wabishi*”, cujos significados eram de um estado de sofrimento causado pelo amor não correspondido ou de perda ou adversidade ocasionada pela falta de sorte. Não havia, portanto, no século VIII, nenhum valor estético ligado ao termo. *Wabi*, aos poucos, passou a indicar um sentimento sofisticado e elegante apesar de uma maneira de viver simples e rústica, longe de uma vida mundana, o que salienta a relação da estética com o modo de vida (OKANO, 2018, p. 178-179).

Após diversas transformações de significados, *wabi* e *sabi*, que antes eram conceitos separados, se uniram, e na modernidade possui diversas formas de significar, dependendo do contexto. Apesar de *wabi* ser sempre lembrado em relação à cerimônia do chá, o termo surgiu bem antes, como explica Okano (2018). *Wabi* também pode ser entendido como um modo de vida simples e rústico, e que se destaca por ser longe de uma vida mundana.

Um lema importante para o *wabi-sabi*, conforme Chacobo (1997), é “pobreza material, riqueza espiritual”, como se os dois não conseguissem coexistir em um mesmo espaço, a existência de um acaba com a validade do outro. Assim, percebemos que a riqueza espiritual possui mais valor do que a não material. Um exemplo de fácil compreensão que foi citado pelo autor é uma sala de chá, já que a primeira coisa que todos fazem na chegada é se curvarem. É comum que a porta de entrada seja pequena e baixa, pensada exatamente para que os convidados se abaixem em sinal de humildade. Dentro da *sukiya*, pensamentos de superioridade em relação às outras pessoas não são permitidos.

Dentro das casas de chá, relacionado às características do *wabi-sabi*, a argila, o papel e o bambu são mais preciosos e caros do que o ouro, a prata e o diamante (CHACOBO, 1997). É possível compreender que para que o convidado participe plenamente da cerimônia, ele deve se desprender dos valores materiais e mundanos, despojando-se deles antes de adentrar a casa e iniciar a cerimônia. Essa ideia lembra muito as filosofias zen budista e taoísta, uma vez que também prezam pelo espiritual, ao invés do material, em ver beleza nas pequenas coisas, mesmo que a modernidade sugira o contrário.

Cabe lembrar, ainda, que contemporaneamente a *chanoyu*, surgiu a apreciação pelos apetrechos de chá (茶数奇) *chasuki* e os encontros de chá (茶寄合) *chayoriai*, dois aspectos que revelam a relação entre os objetos e as pessoas, e no caso dos objetos, vai-se além da sua utilidade prática, a começar pelo gosto pelas peças chinesas (唐物, *karamono*), incluindo-se os utensílios, a pintura e a caligrafia. Posteriormente, por volta da segunda metade do século XV há uma transferência para o gosto pelas coisas japonesas (和物, *wamono*), ou seja, por cerâmicas produzidas nos fornos existentes em diversas regiões do Japão. Estas não eram peças refinadas como as chinesas, muito pelo contrário. Eram peças rústicas utilizadas pelos agricultores como recipientes para guardar sementes ou água e que passaram a ser mais apreciadas e utilizadas. Isso gerou o *wabi suki*, ou seja, a estética *wabi* da rusticidade e simplicidade. Só então, a estética do chá teria se consolidado (MURAI, 1987).

De acordo com González (2018), a estética japonesa surgiu da combinação das duas doutrinas mais influentes no Japão: o Xintoísmo e o Budismo. Um fato importante é que todos os grandes mestres do chá foram adeptos do zen e isso repercutiu na cerimônia de chá. Tanto o conceito de *wabi-sabi* quanto a *chanoyu* foram influenciadas pelas doutrinas xintoístas e budistas, talvez essa seja a razão da combinação desses dois pensamentos que ocorreu de maneira peculiar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve a intenção de trazer uma reflexão em torno da influência do pensamento zen budista na cerimônia do chá. Em um plano específico, nos atentamos para o aspecto de busca pelo espiritual e o desapego mundano visto no culto do chá, como uma forma de herança do zen. Concluímos que a arte do chá e a filosofia zen partilham uma história rica e secular e todos que se dedicam no estudo da *chanoyu* ou do zen precisam levar em consideração essa proximidade entre ambos.

No primeiro tópico, “o pensamento zen budista”, buscamos fazer uma breve contextualização histórica e conceitual a respeito do zen budismo. Percebemos que o zen teve origem no budismo e que este já existia há um longo tempo. O budismo serviu como base para diferentes linhas dos primeiros estudos budistas. O taoísmo e o confucionismo também merecem destaque ao falarmos do zen, já que foram dois pensamentos essenciais para a criação do último.

No seguinte tópico nos debruçamos sobre “o zen e o chá”, trazendo à tona a relação entre dois aspectos importantes para a cultura japonesa. Para tanto, foi extremamente importante compreender algumas características da cerimônia do chá que envolvem o pensamento zen. De acordo com o especialista em arte e cultura japonesa Kakuzō Okakura (2008), o taoísmo e o zen foram base para a criação do “chaísmo” ou a religião do chá.

No último tópico, “*chanoyu*: a busca pelo espiritual e o desapego terrestre”, traçamos alguns pontos importantes que permeiam a cerimônia do chá e que também possuem características que buscam o espiritual em contraposição ao mundano. Portanto, foi ressaltado os conceitos de *wa* (paz e harmonia), *kei* (respeito e reverência), *sei* (pureza material e espiritual) e *jaku* (tranquilidade) elaborados por Sen no Rikyū. Além de *datsuzoku* (libertação, livre de convenções mundanas) pensado por Shin'ichi Hisamatsu. Outro termo estético relevante para esse tema foi *wabi-sabi*, que tem como lema a pobreza material, riqueza espiritual. A busca pelo espiritual e o desapego material estão intrinsecamente relacionados à tradicional cerimônia do chá e ao pensamento zen budista que se perpetuam até os dias de hoje.

Em suma, foram necessários, além de hábitos do cotidiano e de práticas que buscavam uma integração do ser humano com as fontes de energia criadoras provenientes de um “vazio”, uma sistematização de procedimentos que culminam nas e com as relações interpessoais de como recepcionar bem o outro representada pela palavra japonesa *omotenashi* (おもてなし). E Yasuhiko Murai (1987) salienta que essa

atitude se transformou no encontro para o chá, *chakai* (茶会), precedida pela refeição que é oferecida aos convidados antes da *chanoyu* que encerraria o encontro.

A culinária do encontro, *kaiseikiriyōri* (会席料理), é muito importante, mais até do que os utensílios todos, pois é o sentimento depositado no preparo da mesma. Acima de tudo, a atitude do anfitrião e também dos convidados precisam ser levados em consideração nessa reunião para o chá, resultando no que é conhecido como *ichizakonrū* (一座建立) e *ichigoichie* (一期一会), ou seja, promover o encontro entre pessoas de modo a que todos possam desfrutar prazerosamente dele, do início ao fim, como esse fosse o momento único e último de suas vidas, elevando-a de um simples deleite a uma ideia que pertence ao ético. Além disso, a utilização de um espaço reduzido, que remete à prática dos reclusos como o monge Kamono Chōmei que viveu entre os séculos XII e XIII, afastado, em certa medida do mundano e de suas mazelas, para viver em meio às matas circunvizinhas da capital Quioto, é uma afirmação da natureza dos encontros consolidados por Sen no Rikyū com o *chanoyu*, no diminuto espaço da sala de chá. As reflexões de Murai (1987) sobre a cerimônia do chá direcionam-nos, uma vez mais, para o fato de que o estético é indissociável do ético.

A valorização do momento único é abordada pelo historiador de arte Shūji Takashina (2020) como um belo situacional, que diz respeito ao momento de fruição em que se percebe um pássaro voando ao entardecer, por exemplo, ou seja, um exercício de sensibilidade para o momento em que o belo se faz presente. Tal conclusão do estudioso se dá ao compará-lo à beleza da tradição ocidental europeia, que se pautava por uma divisão geométrica de proporcionalidade e simetria a exemplo da estátua grega Vênus de Milo, a qual é bela independente do lugar em que esteja, ou de quando é apreciada. Em suma, para os japoneses, a beleza é situacional e circunstancial. E a estética do chá está nesse momento único.

Referências bibliográficas

- ABE, Naoki. Sadō-sho ni miru sadō kenkyū no gaisetsu-yasu-bu choku Itsuki (Visão Geral dos Estudos da Cerimônia do Chá na Cerimônia do Chá). In: **Nagasaki International University Review**, Volume 5, janeiro de 2005, p. 97-107. Disponível em: <https://niu.repo.nii.ac.jp/?action=pages_view_main&active_action=repository_view_main_item_detail&item_id=684&item_no=1&page_id=13&block_id=17>. Acesso em 09 de janeiro de 2021.
- CCUB - CENTRO DE CHADO URASENKE DO BRASIL. **Chanoyu: Arte e Filosofia**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1995.
- CHACOBO, David. Un resumen - WABI-SABI para artistas, diseñadores, poetas y filósofos (Um resumo - WABI-SABI Para artistas, designers, poetas e filósofos). **Edições Hipòtesi-Renart Barcelona**, p. 01-09, 1997. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/dchacobo/WabiSabi>>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.
- COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da; TINOCO, Thais Masculino Lopes. Chadô: um caminho precursor da Filosofia e Estética no Chanoyu. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**

- vol. 13, nº 18, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15943>>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

D'AVELLA, Matt. **Minimalismo já**. EUA: documentário, 2021.

_____. **Minimalism, A documentary about the important things**. EUA: documentário, 2016.

FRANCO, Daniel Pimentel de Mello. **Estudos metafísicos: o zen budismo como fonte e discussão filosófica**. 2012. Monografia (Bacharelado em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

GONÇALVES, R. M. A introdução do Budismo no Japão. **Estudos Japoneses**, [S. l.], v. 8, p. 53-60, 1988. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142813>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.

GONZÁLEZ, Eduardo Prieto. **Wabi-sabi - la estética de lo evanescente** (Wabi-sabi - a estética do evanescente). Curso ministrado entre 2017-2018 pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madrid, 2018. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/159466455.pdf>>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

HAN, Byung-Chul. **Filosofia do zen-budismo**. São Paulo: Vozes, 1º edição, 2020.

HERRIGEL, Gusty L. **O zen na arte da cerimônia das flores**. Prefácio de Daisetz T. Suzuki. Tradução de Alayde Mutzenbecher. São Paulo: Editora Pensamento, 1979.

HIROSE, Chie. **A experiência do corpo na cerimônia do chá: subsídios para pensar a educação**. Orientação Luiz Jean Lauand. São Paulo, 2010. (Tese de doutorado).

HISAMATSU, Shin'ichi. The nature of sado culture. A natureza da cultura Sadō. In: **Rev. O budista oriental - nova série**, p. 9-19, v. 03, número 2, 1970. Disponível em: <<https://ci.nii.ac.jp/naid/120006823787>>. Acesso em 09 de janeiro de 2021.

KINO, Kazuyoshi. *Nihonjin no kokoro ni miru zen to shisō. Zen and Japanese Mind*. In: **Nihon seitetsu kabushikigaisha kōhō kikakushitsu** (Org.). *Nihon no kokoro – bunka, dentō to gendai*. Tóquio: Maruzen, 1987, p. 24-30.

MONJARDIM, Jayme. **O vendedor de sonhos**. Brasil: filme, 2016.

Mosteiro suspenso. **Revista Casa e Jardim**. Disponível em: <<http://revistacasa Jardim.globo.com/Revista/Common/0,,EMI289987-16938,00-MOSTEIRO+SUSPENSO.html>>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

MURAI, Yasuhiko. *Chanoyu – sono katachi to kokoro. The Form and Spirit of Chanoyu*. In: **Nihon seitetsu kabushikigaisha kōhō kikakushitsu** (Org.). *Nihon no kokoro – bunka, dentō to gendai*. Tóquio: Maruzen, 1987, p. 45-50.

NAKANISHI, Haruko. *Sadō no shosa shakai-gaku-teki kōsatsu-chū* (Considerações sociológicas da cerimônia do chá). In: **Boletim da Escola de Pós-Graduação da Universidade de Bukkyo**, nº 31, p. 281-292, março de 2003. Disponível em: <<https://archives.bukkyo-u.ac.jp/rp-contents/DO/0031/DO00310L281.pdf>>. Acesso em 08 de janeiro de 2021.

OKAKURA, Kakuzō. **O Livro do Chá**. Prefácio e Posfácio de Hounsai Genshitsu Sen. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

- OKANO, M. A estética wabi-sabi: complexidade e ambiguidade. **ARS (São Paulo)**, v. 16, n. 32, p. 173-195, 13 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/142233>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- PUDDICOMBE, Andy. **Headspace - Meditação Guiada**. EUA: Documentário original Netflix, 2021.
- RAFACHO, Amanda Murino. O jardim do chá um caminho para a iluminação. In: **Estudos Japoneses**, v. 27, p. 51-60, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/141789>>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.
- ROCHA, Cristina Moreira. **A cerimônia do chá no Japão e sua reapropriação no Brasil: uma metáfora da identidade cultural do japonês**. Dissertação de mestrado do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Virgílio Noya Pinto, 1996.
- _____. A Cerimônia do Chá como fator de identidade cultural para imigrante japoneses e seus descendentes no Brasil. **Revista Estudos Japoneses**, n 18, pp. 39-48, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142725>>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.
- SEN, Shoshitsu XV. **Tea life. Tea mind**. New York and Tokyo: John Weatherhill, Inc, 1979.
- SILVA, D. Mishima yukio e Sakabe Megumi: uma estética da perversão do pensamento tradicional japonês. **Estudos Japoneses**, n. 29, p. 7-24, 11. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143011>>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.
- SUZUKI, Daisetsu T. **Zen and Japanese Culture**. Princeton: Princeton University Press. Third Printing, 1973.
- TAIBI, Selima. **Expedition Happiness**. Alemanha: documentário, 2017.
- TAKASHINA, Shūji. *Nihonjin ni totte utsukushisa to wa nani ka*. [O que é o belo para os japoneses?]. 10ª. Ed. Tóquio: Chikuma shobō, 2020. (1ª. Edição 2015).
- TAKATORI, Shodo. A Unidade do Zen e do Chá. **Comunidade Zen-Budista de Curitiba**. 2003. Disponível em: <https://www.sotozencuritiba.org/a_unidade_do_cha.php>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.
- UEDA, Shizuteru. O nada absoluto no Zen em Eckhart e em Nietzsche. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 163-202, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.
- VALDRIGUE, Amadeus. **Kakuzo Okakura e a busca da essência da arte japonesa: influência e continuidade em Mokichi Okada**. 2016. Dissertação de Mestrado em Letras (Língua Literatura e Cultura Japonesa) - Universidade de São Paulo. Orientadora: Neide Hissae Nagae.
- YUSA, Michiko. **Japanese religious traditions**. Londres: Laurence King Publishing Ltd., 2002.

*Recebido em 12 de julho de 2021
Aprovado em 18 de julho de 2022*